

## Abordagem do gênero seminário no ensino superior: percepções de estudantes de Letras Português

Estefany Vitoria Nascimento Figueira<sup>1</sup>

Maria da Conceição Azevedo<sup>2</sup>

**Resumo:** O letramento acadêmico envolve o domínio dos gêneros textuais orais e escritos, condição essencial para o êxito na universidade. Contudo, muitos estudantes ingressam no ensino superior com restrições em relação a esses gêneros, especialmente em práticas de oralidade como o seminário. Diante disso, este estudo teve como objetivo investigar as dificuldades enfrentadas por discentes do curso de Letras Português da Universidade Federal do Pará, campus Bragança-PA, em relação às práticas com o gênero seminário, bem como sua abordagem no curso. Os objetivos específicos consistiram em identificar as principais dificuldades dos alunos na preparação e apresentação dos seminários, verificar possíveis fatores que causam as dificuldades dos discentes e sua relação com a abordagem do gênero no curso, analisar o impacto dessas limitações na sua formação acadêmica. A pesquisa adotou a abordagem qualitativa, fundamentada em Prodanov e Freitas (2013), e utilizou a entrevista semiestruturada como instrumental metodológico, conforme Bauer e Gaskell (2002). A coleta de dados foi realizada em março de 2025 com seis alunos de diferentes turmas do curso. A análise baseou-se nos relatos dos estudantes a partir de suas experiências com o gênero seminário na universidade, que apontaram dificuldades ligadas à orientação recebida, à organização da exposição oral, entre outras, confirmando a necessidade de maior atenção ao ensino da oralidade no ensino superior, como defendem Castro e Oliveira (2024). Os resultados indicam que a abordagem do gênero seminário, quando limitada, compromete o desenvolvimento acadêmico dos discentes, evidenciando a importância de estratégias pedagógicas que contemplem a oralidade como parte constitutiva da formação universitária.

**Palavras-chave:** Letramento Acadêmico; Gênero Seminário; Oralidade.

**Abstract:** Academic literacy involves mastery of oral and written textual genres, an essential condition for success in college. However, many students enter higher education with limitations regarding these genres, especially in oral practices such as the seminar. Therefore, this research aimed to investigate the difficulties faced by students in the language course at the Universidade Federal do Pará, Bragança campus, Pará, Brazil, regarding seminar practices and their approach in the course. The specific objectives were to identify the main difficulties students face in preparing and presenting seminars, to identify possible factors that cause these difficulties and their relationship with the approach to the genre in the course, and to analyze the impact of these limitations on their academic development. The research adopted a qualitative approach, based on Prodanov and Freitas (2013), and used a semi-structured interview as a methodological tool, based on Bauer and Gaskell (2002). Data collection was conducted in March 2025 with six students from different classes of the language course. The analysis was based on students' accounts of their experiences with the seminar genre at university. They highlighted difficulties related to the guidance received, the organization of the oral presentation, and other factors, confirming the need for greater attention to the teaching

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, Campus Bragança. E-mail: [estefvitoria03@gmail.com](mailto:estefvitoria03@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, Campus Bragança. E-mail: [cazevedo@ufpa.br](mailto:cazevedo@ufpa.br)

of oral communication in higher education, as advocated by Castro and Oliveira (2024). The results indicate that the seminar genre approach, when limited, compromises students' academic development, highlighting the importance of pedagogical strategies that include oral communication as a constitutive part of university education.

**Keywords:** Academic literacy; seminar genre; oral communication.

### **Considerações iniciais**

Dominar um gênero, ou pelo menos conhecer sua estrutura, é uma das práticas fundamentais no letramento acadêmico. Pereira, Pedrosa e Ferraz (2019, p. 55) dizem que “o sucesso na universidade depende do domínio dos gêneros textuais solicitados pelos professores”. Dominá-los faz com que, durante o percurso da graduação, o aluno consiga se sobressair em suas produções textuais acadêmicas orais e escritas, o que facilita boa parte do processo de formação do estudante.

O processo de letramento inicia-se antes mesmo de uma pessoa ingressar na escola, mas geralmente se torna mais forte com a escolarização na educação básica, passando por todo o ensino fundamental e ensino médio. Dessa forma, quando os estudantes ingressam na universidade, já têm uma história de letramento. Entretanto, Pereira, Pedrosa e Ferraz (2019) também dizem que muitos alunos ingressam na universidade com restrições de conhecimento em gêneros escritos e orais, pois a dificuldade com leitura e produção textual durante a educação básica pode afetar o letramento acadêmico no ensino superior.

Contudo, os autores destacam que dominar gêneros orais ou escritos nem sempre é uma tarefa fácil, uma vez que cada professor compreende de forma diferente o contorno desses gêneros. Assim como a língua, os gêneros estão em constante movimento, e por consequência dessa mobilidade, não se consolidam de forma única.

Por isso, ao observar em disciplinas diferentes as maneiras que os gêneros eram abordados, especialmente os gêneros orais – como seminários e outros tipos de comunicações orais, viu-se a necessidade de pesquisar a respeito de como os alunos percebem a abordagem do gênero seminário e quais dificuldades eles possuem ou enfrentaram ao ingressarem na universidade e se depararem com as modalidades de discurso típicas do ensino superior.

Parafraseando a autora Carlino (2017): Por que é preciso ensinar a falar em público no ensino superior? Acaso os alunos não deveriam chegar sabendo fazer isso automaticamente? Será suficiente uma disciplina para os ingressantes? Quem tem que ficar responsável pela oralidade na universidade? Em que situações?

Por isso, essa pesquisa teve como objetivo geral: investigar as dificuldades dos discentes de Letras Português em relação às práticas com o gênero seminário e sua abordagem no curso. Como objetivos específicos, propõe-se: identificar as dificuldades que os discentes enfrentam na preparação e apresentação de seminários, considerando aspectos como orientação, organização e estrutura das exposições orais; verificar possíveis fatores que causam as dificuldades dos discentes e sua relação com a abordagem do gênero seminário no curso; analisar o impacto das dificuldades com o gênero seminário na formação acadêmica dos discentes.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada com alunos de Letras Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará, campus de Bragança-PA. Para isso, utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada e contou com a participação de seis alunos do curso.

Esse trabalho está dividido da seguinte forma: em primeiro lugar, o referencial teórico é apresentado, posteriormente a metodologia, em seguida, a análise de dados, com relatos dos estudantes acerca de suas dificuldades e a abordagem do gênero seminário durante o curso. Por fim, as considerações finais, nas quais se avalia se a pesquisa alcançou os objetivos propostos.

## **1. Fundamentação Teórica**

Esta seção é composta e organizada por subtópicos elaborados a partir das ideias e contribuições dos teóricos que fundamentaram esta pesquisa. Os estudos de Bueno e Abreu (2010), Schneuwly e Dolz (2004), Castro e Oliveira (2024), Meira e Silva (2013), Lea e Street (2014), Bezerra (2014) e Ferreira e Micarello (2022) foram essenciais para nortear o referencial teórico e orientar a análise dos dados.

### **1.1 Letramento Acadêmico**

O letramento acadêmico permite que o estudante tenha uma participação contínua nos contextos de produção textual exigida no ambiente universitário – práticas de leitura, escrita e oralidade tornam esse aluno ativo nas demandas acadêmicas.

A prática do letramento não está ligada a um processo individual, mas à construção social e cultural dos indivíduos por meio dos gêneros. Lea e Street (2014) afirmam que o letramento acadêmico tem como objetivo inserir o estudante em diversas formas discursivas, e não apenas nos domínios técnicos. Para eles, os estudantes não estão apenas condicionados a

aprender as estruturas dos gêneros textuais, mas também compreender sua prática social, isso é, aprender a adaptar-se aos modos de pensar, ler e escrever que cada disciplina exige.

Bezerra (2014) enfatiza que o letramento acadêmico tem como consequência tornar o indivíduo capaz de compreender e produzir os gêneros que são exigidos durante o percurso acadêmico, pois a eficácia e avanço na vida universitária dependem da capacidade de desenvolver conhecimentos que atendam às necessidades estruturais de um texto, seja ele resenha, artigo, resumo ou outro. O autor explica que o letramento está ligado à capacidade de compreender os gêneros textuais exigidos na graduação de forma adequada. Na perspectiva desse estudioso, o letramento acadêmico acontece de forma processual, ou seja, é aperfeiçoado por meio da prática dos gêneros solicitados na graduação. E isso não se limita ao conhecimento da estrutura ou de técnicas de redação acadêmica, mas inclui conhecer a função social de cada gênero. Também não se limita aos gêneros escritos, incluindo os gêneros acadêmicos orais.

O letramento acadêmico, portanto, seguindo as ideias dos autores citados neste subtópico, não está condicionado apenas às questões técnicas e tradicionais existentes, mas também se caracteriza como um processo contínuo de aprendizagem e aprimoramento, levando em consideração o contato com os gêneros textuais e orais exigidos na universidade. Conhecer suas funções permite que o aluno consiga desenvolver seus trabalhos com exatidão.

## **1.2 Ensino de Gêneros Orais**

Apesar da oralidade ser praticada com frequência na educação básica, o ensino de gêneros orais ainda não ocorre de modo efetivo. O ensino da oralidade possibilita que o aluno pratique a comunicação bem como o leva a agir por meio da linguagem, contudo, o trabalho sistemático com os gêneros orais ainda não ocorre de modo efetivo. Segundo Bueno e Abreu (2010), esse contratempo se dá, entre outras razões, pelo fato de que:

O ensino de gêneros orais, no Brasil, apesar de recomendado por especialistas e pelos documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ainda não ocorre de modo efetivo. Algumas razões podem ser elencadas para justificar a quase total ausência desses gêneros na escola, entre elas, podemos levantar uma muito importante que é o fato de que ainda existem poucos materiais didáticos ou acadêmicos voltados para tal ensino. (Bueno; Abreu, 2010, p. 120)

Como se pode perceber, apesar das orientações contidas nas diretrizes curriculares para a educação básica desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a presença efetiva dos gêneros orais nas práticas escolares ainda é incipiente. Em uma perspectiva

semelhante à das autoras citadas, Schneuwly e Dolz (2004) também já tinham alertado que, embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aula, afirma-se frequentemente que ela não é ensinada de forma sistematizada.

Essa falta da sistematização, no ensino de gêneros orais, para Schneuwly e Dolz (2004), está ligada ao fato de que esses gêneros não são compreendidos como objeto autônomo de ensino, pois no trabalho escolar são totalmente dependentes da escrita. Os autores ressaltam que “o ensino escolar da língua oral e de seu uso ocupa atualmente um lugar limitado” (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 150). Para os autores, os gêneros orais podem ser considerados instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação; eles destacam a importância de os gêneros orais serem ensinados de forma sistemática.

Portanto, no que diz respeito aos gêneros orais, Schneuwly e Dolz (2004) defendem que é necessário que se construa um objeto de ensino-aprendizagem que esteja definido e delimitado, na ideia de que se tenha gêneros orais que devem ser ensinados. Também enfatizam que os gêneros constituem a referência essencial para abordar a infinita variedade das práticas de linguagem. Para os autores, há várias formas de se trabalhar a linguagem com os múltiplos gêneros que existem, pois são instrumentos intermediários da atividade comunicativa. Portanto, em relação aos gêneros orais, eles sugerem que: “Já que o papel da escola é, sobretudo, o de instruir, mais do que o de educar, em vez de abordarmos os gêneros da vida privada cotidiana, é preciso que nos concentremos no ensino dos gêneros da comunicação pública formal” (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 174)

### **1.2.1 O ensino de gêneros orais na universidade**

O ensino de gêneros orais na universidade é fundamental no processo de formação dos estudantes, pois promove o desenvolvimento da competência comunicativa – que é de suma importância para situações formais de interação durante o curso de graduação. Contudo, os alunos, ao ingressarem na universidade, na maioria das vezes, demoram a se familiarizar com os diferentes gêneros orais e escritos, o que é totalmente compreensível, pois, como afirmam Castro e Oliveira (2024, p. 4) “o seu repertório cultural, até esse momento, relaciona-se com a comunidade com a qual vive ou viveu, com a escola onde estudou, com as suas vivências pessoais, familiares e/ou religiosas”.

A partir de então, o aluno passa a ter acesso a gêneros escritos e orais que antes desconhecia na educação básica, iniciando novas maneiras de expressão oral e escrita. Por isso, esses autores reforçam a necessidade de que a oralidade esteja mais integrada nas práticas de

letramento acadêmico e de que os professores formadores sejam compreensivos com aqueles alunos que estão alcançando novas formas de uso oral e escrito da língua (Castro; Oliveira, 2024).

Diferentemente da educação básica, em que os gêneros orais são poucos explorados, na universidade o seu uso é indispensável, pois estão presentes em quase todas as atividades acadêmicas por meio de gêneros orais como seminário, exposições orais, debates e defesas de trabalhos de conclusão de curso. A abordagem desses gêneros permite que o aluno compreenda a função social e comunicativa de cada um deles.

Apesar dos gêneros orais estarem presentes na universidade, o seu ensino ainda carece de, como dizem Ferreira e Micarello (2022). As autoras trazem em sua pesquisa a importância da oralidade no contexto acadêmico e comentam como ainda existem poucos estudos para essa abordagem e didatização dos gêneros orais. No Brasil, ensino de gêneros orais ainda não é sistemático, as pesquisas apontadas no texto desses autores buscam superar ideias equivocadas a respeito do ensino de gêneros orais na universidade, ideias que são percebidas nos centros universitários como: “1) a noção de que os alunos já sabem falar em público quando ingressam na universidade; e 2) a ideia de que a aprendizagem da oralidade ocorre de forma espontânea, sem necessidade de uma aprendizagem de gêneros orais específicos e um estudo sistemático e reflexivo da fala” (Ferreira; Micarello, 2022, p. 168).

Com a superação dessas ideias equivocadas, bem como com a integração da oralidade no letramento acadêmico, o ensino de gêneros orais na universidade pode tornar-se ser mais flexível no uso da língua, acolhendo as identidades dos alunos e compreendendo, que, assim como a escrita, a oralidade também é uma ferramenta de ensino extremamente importante.

### **1.2.2 O gênero seminário no contexto acadêmico**

Já é comum que nos cursos universitários o seminário seja um objeto avaliativo de ensino. O uso desse gênero tornou-se uma estratégia pedagógica cujo objetivo é desenvolver habilidades de comunicação, argumentação, trabalho em grupo, entre outras múltiplas competências que são observadas para o desenvolvimento dos estudantes.

O seminário não se limita apenas a técnicas de apresentação, mas também é concebido como um evento comunicativo na formação dos estudantes. Isso se deve ao fato de que, no ambiente educacional a prática desse gênero proporciona: troca de informações, construção de conhecimento, desenvolvimento comunicativo, entre outras habilidades, o que

contribui e enriquece aspectos da oralidade na vida acadêmica, a partir da interação e dos conhecimentos adquiridos com seu uso.

Meira e Silva (2013), ao discutir o gênero seminário, fazem uma crítica aos estudiosos Dolz e Schneuwly (2004), que associam o gênero seminário apenas à exposição oral, considerando somente os aspectos do momento de sua execução, o que torna essa ideia limitada, por desconsiderar as etapas prévias e posteriores que regem a construção desse gênero. Essas estudiosas dizem que:

Compreender o seminário como sinônimo de exposição oral é insuficiente para abarcar a complexidade de sua realização. Essa ideia limita todo o desenvolvimento do seminário ao momento de execução, ao instante de apresentação, deixando de lado as etapas de planejamento e avaliação que o constroem e o conduzem àquela situação. (Meira; Silva, 2013, p. 9)

Por isso, o seminário está longe de ser apenas uma técnica de ensino ou um momento de exposição, mas deve ser entendido como um evento comunicativo que é composto por fases – desde o planejamento, a execução e a avaliação, uma vez que os alunos acompanham essas divisões, o que não o limita apenas à exposição, mas que conduzem a sua definição, na percepção de Meira e Silva (2013, p. 10), como um verdadeiro “evento comunicativo e de letramento”.

Portanto, através das ideias de Meira e Silva (2013), entendendo que o seminário como exposição oral se limita apenas a apresentações, em que somente seus aspectos de execução são avaliados, essa pesquisa tomará como concepção teórica o seminário como evento comunicativo e de letramento, justificando que, diferente da exposição oral, o seminário, para se concretizar, é composto por três fases distintas – planejamento, execução e avaliação.

Contudo, existem alguns impasses na elaboração e execução do seminário por parte dos estudantes, e essas incompatibilidades com a eficácia do domínio do gênero seminário estão ligadas à falta de orientação de alguns professores, ausência de modelos de estruturação de seminário, entre outros fatores contribuintes que dificultam as apresentações dos discentes.

Segundo Bueno e Abreu (2010), os professores também podem sentir dificuldade em avaliar os estudantes, ou seja, em algumas situações, é desafiador estabelecer critérios claros de avaliação, pois são vários elementos a serem considerados, por exemplo: “a apresentação, a fidelidade ao texto indicado, a clareza na exposição, os recursos audiovisuais empregados, a coesão do grupo etc.” (Bueno; Abreu, 2010, p. 120).

Em algumas ocasiões, as orientações concernentes a apresentação de seminários ocorrem de forma superficial, sem metodizar como deve ser escrito o roteiro, a preparação dos recursos

audiovisuais, como interagir com o público-alvo etc., bem como algumas vezes falta um feedback sobre os seminários para que os alunos possam se atentar a práticas que devem ser revistas e levadas em consideração em futuras exposições orais.

Castro Oliveira (2024), em um estudo com foco nos gêneros seminário e pôster, destacam o impacto da ausência de ensino sistematizado de gêneros orais para a formação dos estudantes:

a ausência de ensino explícita e sistematizada na prática de seminários ou de outros gêneros orais, como o pôster, um dos gêneros tratados nesta pesquisa, revela uma lacuna no processo de formação, em que a simples demanda pelo gênero não é suficiente para promover o pleno desenvolvimento das competências discursivas dos estudantes.

Esses estudiosos argumentam sobre a necessidade de se pensar em métodos de ensino que possam contemplar a oralidade, para isso, destacam que seu estudo os levou “à conclusão de que essa formação inicial precisa de mais subsídios teóricos e reflexivos sobre o trabalho com os gêneros orais acadêmicos” (Castro e Oliveira, 2024, p. 20). Essa afirmação dos autores torna evidente uma lacuna muito importante no processo de formação dos docentes, pois é necessário que haja um investimento nesse aspecto da formação inicial para garantir que os estudantes estejam aptos a utilizar a oralidade como ferramenta de expressão científica e de inserção crítica no espaço acadêmico. Os autores defendem que é necessário “repensar as abordagens e didáticas adotadas no contexto da formação inicial em Letras” e realizar “uma revisão curricular que contemple não apenas a solicitação desses gêneros, mas também sua efetiva inserção no processo formativo dos docentes” (Castro e Oliveira, 2024, p. 20).

## **2. Metodologia**

O *corpus* desta pesquisa é composto de dados oriundos de entrevistas realizadas com seis estudantes do curso Letras Língua Portuguesa (matutino e noturno), de períodos distintos, na Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança. Por meio de entrevistas semiestruturada, gravadas e, posteriormente transcritas, buscou-se observar como o gênero seminário é percebido pelos estudantes e quais suas principais dificuldades com o gênero.

Tendo em vista que a pesquisa ocorreu no ambiente natural dos discentes entrevistados, como citado acima, adota-se uma abordagem qualitativa, pois, como ressalta Prodanov e Freitas (2013, p. 70) “O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave”. Assim, devido às técnicas adotadas para a coleta de dados, bem como ao

contato direto com o ambiente de estudo em questão, esta pesquisa pode ser considerada com base nessa abordagem.

Sobre essa abordagem, Prodanov e Freitas (2013) evidenciam como o processo da pesquisa qualitativa não deve apresentar interferência nos dados por parte do pesquisador, pois é necessário que as questões estudadas no ambiente em que elas se apresentam não sofram nenhum tipo de manipulação, dessa forma, garantindo a legitimidade dos dados para que se possa compreender os elementos que serão estudados.

Sobre a técnica de pesquisa adotada, Bauer e Gaskell (2002), ao descrever a utilização da entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas, também dizem que a influência do entrevistador deve ser mínima, e que toda a construção do ambiente deve ser preparada para que esta minimização seja alcançada. Para os autores, “a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos” (Bauer e Gaskell, 2002, p. 95).

O objetivo do pesquisador nessa perspectiva em que o ambiente é sua fonte direta de dados, é de poder classificar, explicar e interpretar os fatos que ocorrem na abordagem do problema. Os autores Prodanov e Freitas (2013) falam sobre como o processo é fundamental para que o entrevistador tenha sempre entendimento de que analisar os dados é muito mais importante do que focar apenas na finalidade do produto. Desse ponto de vista, esse estudo pode ser considerado ainda uma pesquisa descritiva, na qual a coleta de dados precisa utilizar técnicas específicas e o pesquisador apenas registra os dados sem nenhuma interferência. Prodanov e Freitas (2013, p. 52) explicam como esse tipo de pesquisa é caracterizado: “Nas pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador.

É importante ressaltar que nem todos os dados coletados construíram o *corpus* deste trabalho. Foi realizado um recorte, considerando que os dados coletados foram suficientes para alcançar os objetivos imediatos dessa pesquisa.

## **2.1 Breve contextualização da Pesquisa**

Neste segmento, serão apresentadas as características que nortearam essa pesquisa, ou seja, o *corpus* escolhido e quais estratégias foram adotadas para o desenvolvimento deste estudo. Essa pesquisa, como já foi citado na parte introdutória, discute o gênero seminário na

universidade e a dificuldade dos discentes do curso de Letras Português do contexto pesquisado com a abordagem do gênero.

Esta pesquisa foi de caráter bibliográfico e de campo, optando pela aplicação do instrumental entrevista semiestruturada. A entrevista foi realizada com 6 alunos(as) de turmas e períodos diferentes que estão no curso de Letras Português, UFPA campus Bragança, Pará, no mês de março de 2025, nos dias 18, 20 e 21.

Para este estudo, foram levados em consideração os estudos de Prodanov e Freitas (2013), com uma abordagem qualitativa para que se pudesse explorar as informações das entrevistas de forma minuciosa. Para fomentar a construção de sentidos na transcrição da entrevista, os estudos de Silva e Xavier (2022) foram fundamentais para que se pudesse desenvolver essa pesquisa na etapa de transcrição gráfica, e posteriormente fazer a análise dos dados.

Todas essas estratégias metodológicas e os estudiosos que foram escolhidos para fundamentar essa pesquisa foram essenciais para que, junto da base teórica que foi escolhida, fosse possível refletir sobre os dados e expor os resultados desse estudo.

## 2.2 Geração de dados

Como já foi informado, foi usada a entrevista para coleta de dados, a escolha de se usar a entrevista semiestruturada para colher os dados necessários desta pesquisa se deu pelo fato de que essa ferramenta permite um melhor aproveitamento dos dados, uma melhor compreensão das experiências de vida dos entrevistados através de seus fatos narrados. Através da entrevista, podemos observar as histórias contadas, as experiências e acontecimentos e, assim, tomando seus sentidos e chegando a uma conclusão dos fatos. Abaixo, é apresentado um quadro com alguns dados a respeito dos estudantes entrevistados:

Quadro 1 – Dados dos participantes entrevistados.<sup>3</sup>

<b>Categoria do participante</b>	<b>Nome fictício</b>	<b>Período cursado</b>	<b>Tempo de duração das entrevistas</b>
Alunos(as) de graduação em Letras Português	Maria	7	10 min 55 s
	Marta	7	16 min 02 s
	Tiago	6	13 min 56 s
	João	6	11 min 55 s
	Pedro	5	12 min 06 s
	Lucas	5	15 min 31 s

<sup>3</sup> Os dados foram coletados durante o 1º semestre de 2025.

Fonte: Elaborado pela própria autora.

### 3. Análise e discussão dos dados

Esta seção tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa, a partir da análise e discussão dos dados obtidos. A pesquisa, segundo Minayo (2007, p. 16), é fundamental para que se dê continuidade na à atividade de ensino, “a pesquisa alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”.

Para organizar a análise e discussão sobre os dados nesta seção, foram levados em consideração os principais aspectos contidos nas falas dos alunos entrevistados, buscando-se compreender seus pontos de vista sobre as práticas com o gênero seminário e a abordagem do gênero no curso.

Os primeiros pontos a serem discutidos foram as experiências dos discentes com o gênero seminário na educação básica, a partir das respostas dadas à primeira pergunta da entrevista semiestruturada, a fim de observar que dificuldades com o gênero os discentes tiveram desde a base. Como já foi citado na seção teórica, Dolz e Schneuwly (2004) defendem que os gêneros orais devem ser objetos de ensino sistemático na escola para que sejam aprendidos, possibilitando a melhoria das habilidades necessárias às interações em que tais gêneros, principalmente aqueles caracterizados como formais e públicos, são utilizados. Contudo, nas respostas da maioria dos alunos, o contato com o gênero oral seminário foi quase inexistente no ensino básico. A seguir, são apresentados alguns excertos que trazem esses aspectos:

Pergunta: Quando você era estudante do ensino fundamental e do ensino médio, teve experiências com esse gênero?

(1) Excerto da entrevista com o licenciando Lucas:

Na educação básica foi bem conturbada, principalmente por questões de greve... questões de seminário, posso falar também? Então, a gente não teve muitos seminários, principalmente por conta dessa questão.

(2) Excerto da entrevista com a licencianda Marta:

Bom, no ensino fundamental, o ensino relacionado ao gênero do seminário, ele não era muito válido, porque já fui ver, mas isso já na sétima estava sendo. Então, nas primeiras séries iniciais, não tinha esse contato com o gênero do seminário. Já na questão do ensino médio, isso ficou mais evidente, mas não tinha aquela ligação de explicar o que é o gênero do seminário.

As respostas dos alunos a respeito de suas experiências com o seminário na educação básica possibilitam entender quais conhecimentos eles têm a respeito do gênero e de que forma

ele era apresentado. Ainda que as práticas com o gênero na educação básica sejam diferentes das que ocorrem na universidade, entender como os gêneros orais funcionam na rede básica, em destaque o seminário, é necessário para que se possa compreender quais aspectos podem ter causado dificuldades aos alunos com sua prática no contexto acadêmico.

Em seguida, como segunda pergunta, pediu-se aos discentes que relatassem suas experiências com o seminário já na universidade. Boa parte dos alunos disse que tiveram dificuldades com a estrutura do gênero ou como apresentá-lo. Sabemos que, embora seja solicitado na graduação, o gênero seminário ainda precisa de um ensino mais sistemático, como sugerem Castro e Oliveira (2024). Abaixo estão alguns excertos dos relatos dos discentes sobre suas experiências com o seminário na universidade:

Pergunta: Gostaria agora que você relatasse sobre suas experiências com os seminários aqui na universidade, ou seja, os seminários realizados no curso, durante as disciplinas que você já fez ou está fazendo. Fale um pouco sobre como foram seus primeiros seminários no curso. Teve dificuldades?

(3) Excerto da entrevista com o licenciando Tiago:

Eu tive bastante dificuldade no começo, nem a questão do nervosismo e nem a questão de não saber o que fazer, mas sim a questão do seminário em si e como eu montar e como eu vou estruturar esse seminário.

(4) Excerto da entrevista com o licenciando Eric:

Olha, nos meus primeiros seminários no curso, eu tive bastante dificuldade... Aqui na universidade, a gente já chegou, eu pelo menos já cheguei conhecendo o gênero, mas como falei, não tinha o domínio, mas eu desenvolvi bastante, tive disciplinas que me apoiaram bastante nesse processo.

Nas falas dos discentes, percebe-se a semelhança nas respostas em não terem domínio do gênero, ao mencionarem sua estrutura, por exemplo. Como já citado acima, Castro e Oliveira (2024, p. 9) destacam que o ensino do gênero seminário na universidade ainda necessita “de uma abordagem mais sistemática e direcionada ao ensino do referido, uma vez que ele é um objeto de ensino muito trabalhado”.

A dificuldade apontada nas respostas dos alunos evidencia que geralmente são vivenciadas no início do curso, ou seja, nas primeiras apresentações de seminário, momentos que o aluno, na maioria das vezes, encontra-se perdido por não conhecer a estrutura desse gênero. Essas dificuldades na maioria das vezes ocorrem por falta de orientação clara e explícita sobre como se estrutura, como planejar e organizar a exposição oral, o que gera dificuldade nas avaliações desses novos estudantes, que estão passando por essa transição entre ensino médio e ensino superior.

Logo após, foi perguntado aos discentes se o gênero seminário foi objeto de ensino sistemático na universidade. A seguir, alguns excertos acerca do ensino do gênero seminário segundo os discentes:

Pergunta: Em alguma disciplina do curso, o gênero seminário foi objeto de ensino sistemático? Ou seja, foi ensinado sobre o que é um seminário, como se preparar e como apresentar? Foram ensinados aspectos de oralidade, como postura, tom de voz, linguagem a ser utilizada etc.?

(5) Excerto da entrevista com a licencianda Marta:

Sim, sim, teve disciplina como, por exemplo, como já falei, a disciplina de textos acadêmicos, a produção de textos acadêmicos, em que teve, foi ministrada pela professora [...] e também a outra foi ministrada pela professora [...] e [...]. Então, eles mostraram pra gente exatamente isso que estava faltando no início, a estrutura do gênero seminário, como se falar em público, se a gente deveria ensaiar com a equipe...

(6) Excerto da entrevista com o licenciando Pedro:

Sim, a gente teve, tanto que logo na primeira disciplina com o professor [...], ele trouxe os alunos da 2022 para dar um seminário sobre o gênero seminário, lá eles explicaram tudo, como a gente devia se portar, o que a gente devia fazer, todo o processo, desde a pesquisa até a apresentação, então a gente teve esse contato.

As respostas dos discentes afirmam que existem disciplinas voltadas para o ensino do gênero seminário, como as disciplinas voltadas à produção de textos acadêmicos, por exemplo, que trabalha esse ensino. Castro e Oliveira (2024), em sua pesquisa, falam sobre como é importante a abordagem do gênero seminário em uma disciplina contínua, para que esse ensino não se limite apenas às apresentações, mas que possa desenvolver aspectos discursivos dos estudantes colocando o gênero seminário como um objeto de estudo imprescindível para a formação docente. Sobre isso, a discente Marta destaca em sua resposta que “eles mostraram pra gente exatamente isso que estava faltando no início” (discente Marta). Aqui percebe-se a importância de disciplinas que fazem a abordagem desse gênero como prática reflexiva contínua principalmente no primeiro semestre do curso, para auxiliar os alunos que estão ingressando nesse novo ambiente de ensino.

Na sequência, foi perguntado aos alunos se eles recebiam orientação por parte dos professores de como deveriam se preparar e como preparar as apresentações, se os professores disponibilizavam ou se seguiam um roteiro. As respostas foram divergentes, alguns discentes diziam que sim, que os professores orientavam acerca das apresentações, outros diziam que não, que na sua turma só foram orientados uma única vez e que cada professor tinha seu estilo de apresentação. Vejamos algumas respostas nos excertos a seguir.

Pergunta: Antes da produção dos seminários, os professores e professoras das disciplinas orientam sobre como os alunos e alunas devem se preparar e como devem ser as apresentações dos seminários? Essas orientações são feitas apenas de forma oral, ou seja, os professores e professoras explicam oralmente como deverão ser realizados os seminários, ou existem orientações também por escrito, como um roteiro disponibilizado à turma?

(7) Excerto da entrevista com o licenciando Pedro:

Sim, sim, tem algumas disciplinas, eles explicam como a gente deve apresentar o tempo, o tema, o quanto a gente deve apresentar, se a gente pode passar um pouco ou se a gente tem que bater o limite ou se pode um pouco menos. Então tem todo esse diálogo deles, eles preparam a gente antes, falam como é, como eles querem.

(8) Excerto da entrevista com o licenciando Eric:

Não, não há uma... pelo menos para mim, para a nossa turma, nunca há esse roteiro escrito. A gente teve uma orientação na disciplina de produção de gêneros textuais, mas tirando isso, cada professor, inclusive, eles têm as suas próprias, posso dizer, as suas próprias, seus próprios modos, né?

Percebe-se que as falas dos alunos entrevistados revelam duas situações: a existência de orientação, como na fala do discente Pedro, e uma inconsistência na abordagem do gênero por parte dos docentes, como destaca a fala do discente Eric. A existência de orientação, na primeira fala, reforça o fato de que existe ensino do gênero seminário, ainda que esteja condicionado a fins avaliativos. Contudo, na fala do discente Eric é notório o quanto o ensino de gêneros orais, no caso o seminário, não possui o mesmo espaço que gêneros escritos, por exemplo. Castro e Oliveira (2024, p. 10) explicam que, na maioria das vezes, essa falta de atenção para o ensino da oralidade como no seminário, que precisa de um planejamento, está ligada ao fato de que “o docente universitário considera que o aluno já domina o gênero, haja vista que ele se encontra na graduação e que, por isso, não há necessidade de ensiná-lo.”

Logo após, foi perguntado aos alunos se eles eram informados a respeito dos critérios de avaliação e se tinham conhecimento de quais elementos seriam avaliados durante a apresentação. Todos responderam que sim, que são informados a respeito de que critérios serão exigidos durante a apresentação. Vejamos os excertos abaixo.

Pergunta: E quanto aos critérios de avaliação dos seminários? Ficam claros antes das apresentações? Ou seja, os professores e professoras das disciplinas costumam informar sobre que elementos serão avaliados durante as apresentações?

(9) Excerto da entrevista com o licenciando Tiago:

Sim. Mas tem uns que também não. Porque é muito isso. Tem uns que são mais, digamos, flexíveis na sua aula. Eles querem que tu apresentes. Eles não ligam muito do jeito que tu tá apresentando.

(10) Excerto da entrevista com o licenciando Lucas:

Sim, sim. Alguns falam pontuação de determinada coisa, se tu for abordar o conteúdo com exatidão, a tua entonação da voz, em base, o que tu traz ali, então tudo isso vale por critério.

(11) Excerto da entrevista com o licenciando Eric:

Sim, mas a gente apresenta, no final da apresentação eles falam seus pontos. Eles não seguem um padrão.

As falas dos discentes Tiago e Eric evidenciam a falta de uniformidade na avaliação, por parte de alguns docentes, quando citam que em alguns casos a única preocupação é a de que o aluno faça sua apresentação, em outros casos, há critérios definidos, em outros, não há um padrão avaliativo. O grau de clareza e sistematização na definição dos critérios varia conforme o professor, como destaca a fala do licenciando Eric.

Sobre esse aspecto, é importante destacar que Dolz e Schneuwly (2004) propõem em sua pesquisa, a construção de um objeto de ensino que possa contemplar o ensino formal da oralidade. Ainda que os autores dirijam esse estudo às escolas, a construção desse objeto de ensino também se aplica ao ambiente universitário, para que dessa forma o gênero seminário possa ter uma maneira ideal de avaliação de forma sistematizada.

Como já mencionado na seção teórica deste trabalho, Bueno e Abreu (2010) esclarecem que na maioria das vezes o docente não sabe ao certo quais critérios serão avaliados, uma vez que são muitos os elementos a serem observados durante um seminário. O que muitas vezes deixa o aluno confuso é a ausência de critérios claros e definidos para a avaliação das exposições orais dos alunos e, devido a isso, o professor não consegue justificar sua avaliação, como dizem os estudiosos citados. Por isso, é necessário que haja uma sistematização do ensino dos gêneros orais, para que a oralidade seja trabalhada de forma eficaz, garantindo um ensino que promova o desenvolvimento das competências comunicativas dos estudantes e contribua para uma formação mais crítica, reflexiva e integrada às práticas sociais de uso da linguagem. Seria muito relevante você criar outro tópico e sugerir critérios de avaliação do gênero seminário. Isso pode ser feito com base nos autores estudados.

### **Considerações Finais**

Nesta pesquisa, buscou-se investigar as dificuldades dos discentes de Letras Português em relação às práticas com o gênero seminário e sua abordagem no curso, tendo isso como objetivo geral do trabalho. Além disso, buscou-se alcançar os objetivos específicos: identificar as dificuldades que os discentes enfrentam na preparação do seminário, verificar possíveis fatores contribuintes para essas dificuldades e analisar o impacto das dificuldades com o gênero seminário na formação dos discentes.

Após a realização das entrevistas com os estudantes colaboradores, as respostas foram analisadas tendo em vista os referidos objetivos. A partir dessa análise, considera-se que a

pesquisa teve o alcance dentro do que se esperava, pois verificou-se que as dificuldades dos estudantes com o seminário apareceram nos principais dados, sendo esses os achados mais relevantes para este estudo. O principal fator que causa essas dificuldades foi a percepção dos estudantes a respeito da estrutura do gênero seminário, ou seja, os discentes consideram não saber, no início da graduação, como estruturar um seminário e como apresentá-lo.

Ainda com base na análise de dados, observou-se que a falta de ensino sistemático desse gênero prejudica o desenvolvimento das habilidades comunicativas. Assim, compreende-se a necessidade de inserir o ensino do gênero seminário, apresentando sua estrutura e demais características logo no início da graduação, para não comprometer o desempenho comunicativo durante as avaliações de seminário na formação acadêmica dos estudantes. Esses resultados apontam a falta de um conhecimento sistematizado que possa contemplar o ensino formal da oralidade.

Contudo, a maior limitação desta pesquisa se deu pelo fato de que, apesar de o gênero seminário ser cobrado aos estudantes de forma frequente nas universidades, não há muitos materiais didáticos disponíveis que possam abarcar de forma específica sua abordagem no campo acadêmico, o que de certa forma limita a compreensão da temática. Apesar disso, sugere-se que ampliem o estudo, incluindo estudantes de outros cursos e instituições. Da mesma forma, além de propor práticas pedagógicas e estratégias didáticas que integrem o ensino oral como objeto de ensino sistematizado, favorecendo a articulação entre teoria e prática na sala de aula.

Por isso, este trabalho contribui para a compreensão do gênero seminário bem como para fornecer dados e informações sobre como os estudantes percebem a abordagem desse gênero. Os resultados dessa pesquisa podem ser úteis para que os professores de Letras Português revejam suas práticas pedagógicas e pensem em estratégias de ensino para que os estudantes sejam ensinados a lidar com o gênero seminário.

Além disso, compreende-se que o domínio do gênero seminário ultrapassa a dimensão avaliativa, constituindo uma prática formativa essencial à atuação docente e à comunicação acadêmica. A partir da perspectiva dos gêneros discursivos, o seminário deve ser compreendido como prática social que exige ensino sistematizado e reflexivo, especialmente na formação de professores de Língua Portuguesa.

## **Referências**

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BEZERRA, Benedito Gomes. Letramentos acadêmicos na perspectiva dos gêneros textuais. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 247-258, out./dez. 2012.

BUENO, Luzia; ABREU, Cláudia de Jesus. Gêneros orais na universidade: relato de uma experiência com o seminário. **Synergies Brésil**, n. 8, p. 119-125, 2010.

CARLINO, Paula. **Escrever, ler e aprender na universidade: uma introdução à alfabetização acadêmica**. Tradução de Suzana Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Coleção Compreensão Leitora: Teoria e Prática).

CASTRO, Joaquim Junior da Silva; OLIVEIRA, Dedilene Alves de Jesus. O trabalho com gêneros orais em contexto acadêmico: o que dizem os estudantes de Letras de uma universidade federal. **Revista Delta**, v. 40, n. 4, 2024.

FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio; MICARELLO, Hilda Aparecida Linhares da Silva (Orgs.). **Conhecimentos em cadeias dialógicas de enunciados: linguagem, infâncias e educação nas produções de um grupo de pesquisa em Ciências Humanas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, jul./dez. 2014. Tradução de Fabiana Komesu e Adriana Fischer.

MEIRA, Glenda Hilnara Feliciano; SILVA, Williany Miranda da. **Seminário acadêmico, mais que um gênero: um evento comunicativo**. Anais do SILEL, v. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** [recurso eletrônico]. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Trad.); SALES CORDEIRO, Gláís (Trad.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Luana Duarte Maiune de Oliveira; XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Transcrição gráfica: desafios e possibilidades. **Revista Porto das Letras**, v. 8, n. 1, 2022. Ciências da Linguagem: investigações contemporâneas.